

1

# Revista da Sociedade de Educação



## SUMMARIO

REDACÇÃO . . . . .	A nossa revista . . . . .	
PROF. DR. OSCAR FREIRE. . . . .	Discurso na sessão inaugural da Sociedade de Educação. . . . .	3
DR. OLYMPIO PORTUGAL. . . . .	Discursos na sessão funebre em homenagem ao Prof. Oscar Freire . . . . .	18
DR. SPENCER VAMPRE' . . . . .		
DR. A. DE SAMPAIO DORIA. . . . .	Educação da memoria . . . . .	25
PROF. JOSE' RIBEIRO ESCOBAR. . . . .	O ensino concreto da numeração . . . . .	35
PROF. LUCIA PACHECO JORDÃO. . . . .	O desenvolvimento moral da criança (I)-No Jardim da Infancia . . . . .	39
DR. F. BORGES VIEIRA . . . . .	A agua na escola . . . . .	46
LIGA NACIONALISTA . . . . .	Pela instrucção primaria no Brasil. . . . .	54
<b>SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO:</b>		
	I—Resumo das communicações. . . . .	59
	II—Sessões ordinarias e extraordinarias . . . . .	64
	III—Extracto dos Estatutos. . . . .	71
REVISTAS E JORNAES . . . . .		73

**ASSIGNATURA ANNUAL - 12\$000**

**MONTEIRO LOBATO & COMP.**

S. PAULO

EDITORES

BRASIL



## Directoria da Sociedade de Educação :

Presidente — PROF. DR. OVIDIO PIRES DE CAMPOS  
Vice-Presidente — PROF. RENATO JARDIM  
Secretario Geral — DR. A. DE ALMEIDA JUNIOR  
Primeiro Secretario — DR. ALEXANDRE ALBUQUERQUE  
Segundo Secretario — PROF. JOSÉ RIZZO  
Thesoureiro — DR. DJALMA FORJAZ

## Redacção da Revista:

DR. A. DE ALMEIDA JUNIOR  
DR. A. DE SAMPAIO DORIA  
DR. FERNANDO DE AZEVEDO  
PROF. LÉO VAZ  
PROF. BRENNO FERRAZ DO AMARAL



Para Publicações:

DR. A. DE ALMEIDA JUNIOR  
53, RUA DUARTE DE AZEVEDO  
TELEPH. SANT'ANNA 188

Para Assignaturas e Annuncios:

**Monteiro Lobato & C.**  
RUA DOS GUSMÕES N. 70

## Revista da Sociedade de Educação

### INDICE DO VOLUME I

AGOSTO — DEZEMBRO — 1923

<i>A nossa revista</i> , Redacção . . . . .	1
<i>Sessão inaugural da Sociedade de Educação</i> , discurso do professor Oscar Freire . . . . .	3
<i>Oscar Freire</i> , discursos dos drs. Olympio Portugal e Spencer Vampré . . . . .	3
<i>Educação da memoria</i> , dr. A. de Sampaio Doria . . . . .	18
<i>O ensino concreto da numeração</i> , prof. José Ribeiro Escobar . . . . .	25
<i>O desenvolvimento moral da creança</i> , prof. <sup>a</sup> Lucia Pacheco Jordão . . . . .	35
<i>A agua na escola</i> , dr. F. Borges Vieira . . . . .	39
<i>Pela instrucção primaria no Brasil</i> . . . . .	46
<i>Sociedade de Educação:</i>	54
Resumo das communicacões . . . . .	59
Sessões ordinarias e extraordinarias . . . . .	64
Extracto dos Estatutos . . . . .	71
<i>Revistas e jornaes</i> . . . . .	73
<i>Investigações sobre alguns methodos para a avaliação da capacidade respiratoria</i> , dr. Almeida Junior . . . . .	85
<i>O material para o Jardim da Infancia</i> , prof. <sup>a</sup> Zenaide Villalva de Araujo . . . . .	102
<i>A educação domestica na formação da mulher</i> , prof. <sup>a</sup> Branca Canto e Mello. . . . .	
<i>O ensino de geographia</i> , prof. Renato Jardim . . . . .	120
<i>Ensino concreto da mudança de base</i> , prof. José Escobar. . . . .	151
<i>Aplicações didacticas</i> , dr. Sampaio Doria . . . . .	160
<i>A lição da Grecia</i> , dr. Fernando de Azevedo . . . . .	174
<i>Sociedade de Educação:</i>	
Sessões ordinarias e extraordinarias. . . . .	196
<i>Revistas e jornaes</i> . . . . .	202
<i>Historia Patria</i> , Redacção . . . . .	209
<i>Excursões escolares</i> , Prof. <sup>a</sup> Zenaide Villalva de Araujo . . . . .	211
<i>Um inquerito sobre a educação sexual</i> , resposta do Dr. Fernando de Azevedo . . . . .	216



dos methodos de ensino. E no estudo a este respeito ellas são explicadas.

Depois de explicada cada lição, cada these, cada idéa, o professor fará chamadas em que a materia se explica, os alumnos suggerem as suas duvidas, expõem as suas opiniões, falam na sua linguagem. E' uma repetição que favorece, como a clareza didactica, o exercicio da memoria.

No seu methodo de ensino, o professor não deverá esquecer que, entre os seus alumnos ha varios typos de memoria. São principaes: os visuaes, os auditivos, os motores. Como a aula é para todos, o seu ensino precisa de assumir estas tres fórmias; não, apenas, expõe; não, apenas, escreve na louza; não se restringe a dar exercicios. Mas, dentro do possivel, o seu ensino revestirá de todas estas fórmias.

Por fim, cumpre ao professor dar ensejo a que os seus alumnos associem as idéas do que aprendem. Isto começa por só ser possivel, se a lição for bem encaminhada, se irradiar de clareza. Agora, poderão os alumnos associar as partes essenciaes, as secundarias, eschematizar as lições. O mecanismo dos eschemas já foi explicado.

Em resumo são deveres supremos do professor, em materia de educação da memoria:

- 1.º) mover guerra sem treguas ás tarefas decoradas;
- 2.º) ser claro nas suas explicações;
- 3.º) reexplicar-as nas chamadas successivas;
- 4.º) promover a eschematização ulterior das suas explicações.

## O ENSINO CONCRETO DA NUMERAÇÃO

PROF. JOSÉ RIBEIRO ESCOBAR

(CURSO PRELIMINAR)

### PROBLEMA

1. — Eis aqui um monte de tornos para contar; e, para contal-os, dar nome a todos os numeros que os representem, mas com poucas palavras, e escrever esses numeros, mas com poucos signaes.

— Vocês, como os homens primitivos, sabem contar até 10, porque aprenderam pelos 10 dedos. Pois vamos contar *todos* aquelles tornos SEM PASSAR DE DEZ.

### NUMERAÇÃO FALADA

2. — João, conte os tornos; e, cada vez que você tiver dez, enleie-os num papel, fazendo um maço e passe os maços a Lulú; vá sempre fazendo assim.

3. — Logo Lulú teve dez maços nas mãos.

— Lulú, ponha seus dez maços num cartucho e passe-o a Fernando; faça sempre assim com cada dez maços.

4. — Fernando, quando você tiver dez cartuchos, colloque-os numa caixa e passe-a ao Tónico.

5. — Assim foram fazendo, quando João gritou:

— Não posso mais fazer maços, só tenho oito tornos!

— E eu, disse Lulú, não posso mais encher cartuchos, só tenho seis maços.

— E eu, disse Fernando, também não posso encher mais caixas, só tenho dois cartuchos.

— E eu só tenho uma caixa, disse o Tónico.

6. — Contemos agora. Vou pôr tudo em ordem: na 1.ª ordem, os oito tornos que restaram; na 2.ª ordem, os



seis maços; na 3.<sup>a</sup> ordem, os dois cartuchos; e na 4.<sup>a</sup> ordem, uma caixa.

Notem bem: cada maço contem dez tornos, cada cartucho dez maços e cada caixa dez cartuchos.

— Eis aqui o que vocês têm: uma caixa, de dez tornos; dois cartuchos, de dez maços; seis maços, cada um com dez tornos; e oito tornos.

7. — Si tivéssemos dez caixas, pol-as-íamos num caixão; si tivéssemos dez caixões, pol-os-íamos numa carroça, etc.

8. — Mas si tivéssemos de contar bois, não poderíamos pol-os em maços. Procuremos um meio de contar tudo, do mesmo modo que contamos os tornos.

9. — Os oito tornos são oito vezes um torno: chamemol-os oito *unidades*. Chamemos cada maço uma *dezena*; como dez tornos formam um maço, também dez unidades formam uma dezena; temos seis maços ou seis dezenas. — Chamemos cada cartucho uma *centena*; como cada dez maços formam um cartucho, também dez dezenas formam uma centena; temos dois cartuchos ou duas centenas. — Chamemos á caixa *milhar*; como dez cartuchos formam uma caixa, também dez centenas formam um milhar; temos uma caixa ou um milhar.

Temos, pois, um milhar, duas centenas, seis dezenas e oito unidades, que representarão sempre o mesmo numero, quer seja de tornos, ou de bois, ou de casas, etc.

10. — Como é muito comprido dizer um milhar, duas centenas, seis dezenas, e oito unidades, vamos tornar simples: dividamos o numero em *classes*, cada uma com tres ordens — ordens das centenas, das dezenas e das unidades. Estas ordens apparecerão em todas as classes.

Em vez de centenas, digamos, para tornar mais curto, *cento* ou *cem*: assim diremos cem, dois centos ou duzentos, tres centos ou trezentos, quatro centos, etc.

Em vez de unidades, digamos um, dois, tres, etc., sem falarmos a palavra unidade.

Em vez de dezenas, digamos *enta* depois das palavras um, dois, tres, etc., assim; unenta (ou dez), duenta (ou vinte), trinta (ou trinta), quatrienta (ou quarenta), cincoenta, etc.

Em vez de unenta e um ou dez e um, dizemos *onze*; em vez de dez e dois, doze; de dez e tres, treze; de dez e

quatro, quatorze; de dez e cinco, quinze. — Em vez de milhar, digamos *mil*.

Aquelle numero de tornos diz-se agora mais curto: mil duzentos e sessenta e oito.

A 1.<sup>a</sup> classe é das unidades. A 2.<sup>a</sup> classe é a dos milhares, também com tres ordens: unidades de milhares, dezenas de milhares e centenas de milhares; mas dizemos abreviadamente: dois mil, ou trezentos mil, ou quarenta mil.

O nome de outras classes se dá, juntando a terminação lhão ás mil, bi (dois), tri (tres), etc., assim: milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão, sextilhão, setilhão, octilhão, nonilhão, decilhão.

11. — Artificio da numeração falada: Para darmos pois, nome a *todos* os numeros, com poucas palavras, para contarmos, só usamos de doze nomes: um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, cem e mil; de duas terminações: enta e lhão; e desta convenção: divisão do numero em classes, cada uma com tres ordens (das unidades, das dezenas e das centenas), de modo que dez unidades de uma ordem formem uma unidade de ordem immediatamente superior.

#### NUMERAÇÃO ESCRIPTA

12. — Para escrevermos os numeros sem ser com palavras, usamos dez signaes, estes dez algarismos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 0. Si, no contar os tornos, restar um torno, escreverei em baixo o 1.<sup>o</sup> algarismo; si dois tornos, o 2.<sup>o</sup>; si tres, o 3.<sup>o</sup>, etc.; como restaram oito, escrevo o 8, que representará tornos ou unidades.

Si restar um maço, escreverei o 1.<sup>o</sup> algarismo; si dois, o 2.<sup>o</sup>; si tres, o 3.<sup>o</sup>, etc.; como restaram seis, escrevo o sexto, 6, que vae representar os maços ou as dezenas. Como os maços valem dez tornos ou como as dezenas valem dez unidades, o 6, collocado á esquerda das unidades, vale dez vezes mais do que si estivesse no lugar das unidades: pois aqui vale 6 tornos ou 6 unidades, lá vale 6 vezes dez tornos, sessenta tornos, ou 6 vezes dez unidades, sessenta unidades.

Si restar um cartucho, porei o 1.<sup>o</sup> algarismo; si dois, o 2.<sup>o</sup>; etc., como restaram dois cartuchos, ponho o 2, que vae representar cartuchos ou centenas; logo, elle, collo-



cado á esquerda das dezenas, vale dez vezes mais, porque cada centena vale dez dezenas.

Si restar uma caixa, porei o 1.º algarismo; si duas, o 2.º; tres, o 3.º, etc.; como restou uma, ponho 1, que vae do que si estivesse no logar das centenas, porque cada milhar vale dez cenenas.

Temos então 1268.

13. — Para ler, dividimos o numero em classes de tres algarismos da direita para a esquerda; começando das ordens mais elevadas lemos o numero que ha de centenas, dezenas e unidades, dando o nome de cada classe.

Si não restar nenhum torno, ou nenhum maço, ou nenhum cartucho, nenhuma caixa, porei o decimo algarismo, 0, que quer dizer nada, ou que a ordem está vasia.

14. — Artificio da numeração escripta: Para escrever todos os numeros com poucos signaes, basta-nos ter: 1º) dez algarismos; 2º) uma convenção: um algarismo escripto á esquerda de outro vale dez vezes mais do que si estivesse no logar desse outro.

15. — Concluindo do que vocês viram: Numeração é a arte de dar nome a todos os numeros com poucas palavras e de escrever todos os numeros com poucos signaes.

### CONSEQUENCIAS DA NUMERAÇÃO

16. — Collocando um zero á direita de um numero, 48, por exemplo, este fica dez vezes maior, pois o 8, que era unidade, fica sendo dezena, valendo dez vezes mais.

Si collocarmos dois, tres zeros á direita, o numero fica cem, mil vezes maior, pelo mesmo motivo. Para tornar dez, cem, mil, vezes menor, um numero terminado em zeros, basta, pois, tirar-lhe um, dois, tres zeros.

## O DESENVOLVIMENTO MORAL DA CRIANÇA

PROF. LUCIA PACHECO JORDÃO

### I

#### NO JARDIM DA INFANCIA

**A** medida que crescem e se fixam em leis os conhecimentos da Psychologia, cresce e se determina com precisão o papel do Jardim da Infancia.

De facto: si já nos é permittido analysar minuciosamente a vida psychica do homem, conhecer de que modo as influencias estranhas a modificam, dando-lhe este ou aquelle rumo, precisar mesmo como se formam os sentimentos, as ideias, como se firmam os habitos, surge uma nova concepção do Jardim da Infancia.

O seu fim se eleva, se amplia: já não é mais a instituição que cuida apenas de distrahir a criança, desenvolvendo-lhe a habilidade manual. Tem o grande papel de aproveitar a extrema plasticidade dos pequeninos cerebros para o começo da aquisição de habitos bons; de desenvolver, de consolidar as tendencias generosas, respeitando a individualidade de cada criança, para que cada uma se revele tal que é, e tanto quanto possivel, se corrija por si mesma.

Esse systema da auto-educação, empregado pela Doutora Montessori, liberta a criança do jugo dos adultos, tornando-a capaz de pensar, de sentir e de agir por si. Os resultados obtidos por esse methodo, baseado na liberdade de acção deixada á criança, são surprehendentes.

A visita a uma "Casa das crianças" causa uma grande impressão: sente-se immediatamente que a *escola é das crianças*. Ellas ahi têm o "seu reino", e ahi vivem in-